A Escola Santa Angélica (Sebastiana Braga)



No ano de 1932, logo após a conclusão do curso de professora normalista, fui, por indicação do professor Felismino Soares, nomeada para escola Santa Angélica no Lago de Janauacá.

Cumpridas todas as formalidades, eu e minha irmã Maria Rita Wanderley, que ficara viúva há pouco tempo e estava decidida a me acompanhar, (pois era como se fosse uma mãe) nos preparamos para a viagem.

Saudosas deixamos Manaus no dia dois de fevereiro às 18 horas, viajando na lancha do sr. João Galera, e às 3 horas da manhã estávamos desembarcando, recebidas pelos moradores que ansiosos aguardavam a chegada da nova professora.

Mantidos os primeiros contatos com os moradores e com o delegado de polícia, o sr. Cruz, nos dirigimos para a casa que iríamos ocupar e onde funcionaria a escola. Casa modesta.

Um chalé de madeira com apenas uma sala sem porta, um pequeno quarto que mal dava para acomodar a cama e uma cômoda; sem esquecer o candeeiro a querosene aguardando a chegada da noite; uma cozinha com um fogão de barro onde a lenha queimava para podermos preparar a nossa comida, e lá estava a lamparina previamente preparada também esperando o anoitecer. (Só assim eu aprendia a fazer pavio para lamparina)

Ficava bem no alto da terra firme, permitindo que apreciássemos a beleza da água tranqüila e serena, deixando ouvir-se de vez em quando o bater do remo que identificava o viajante que se aproximava.

E logo era reconhecido.

Ora era o Sr. Joaquim que se aproximava, ora era o Paulo Amorim (o moço bonito); ora era o Sr. Cruz, o delegado, e assim cada um deles era reconhecido pelo bater do remo.

Eu achava aquilo interessante, mas fazia parte da vida daquele povo, humilde, mas muito ordeiro e respeitador, que sabia apreciar a natureza com a simplicidade natural.

Para eles a falta do relógio não lhes fazia diferença, pois era costume, organizar a sua vida através do sol. O nascer, o sol a pino, e o pôr-do-sol, durante o dia, e a noite a lua e as estrelas.

Apesar de ordeiro e respeitador não me parecia um povo trabalhador, limitava-se a viver da pesca e da farinha, produto da plantação de mandioca.

A vida pacata que levavam sem ambição, sem nenhum objetivo tornava-se monótona. A mim parecia um mundo diferente. A alimentação deles era o peixe e o chibé (mistura de água e farinha, não se encontrava ali uma fruta ou verdura).

As crianças assustavam-se com o apito das embarcações ao longe, mas não desconheciam o ruído barulhento da lancha que todas as semanas entrava no lago.

Eram supersticiosos, falavam muito em assombração, respeitavam as noites de lua cheia e temiam o Boto, sabe Deus como eu me sentia ao assumir tão grande responsabilidade, pois era o início da minha carreira, e tudo aquilo eu tinha que enfrentar.

Mas não me intimidei, iniciei o meu trabalho com entusiasmo recebendo os alunos com idade que variava de sete a vinte e cinco anos. Foi um verdadeiro desafio, pois é muito difícil fazer um bom trabalho com essa diferença de idade e, ainda o risco de algum ato de indisciplina.

No entanto, o que se constatou foi totalmente diferente, o respeito, o zelo, o carinho daquele povo para com a professora era de merecer elogio.

Nós, eu e minha irmã Maria (companheira de todas as horas) fomos sempre respeitadas e queridas por todos. Era bom de se ver a atenção daquele povo pra com a professora e a sua irmã.

A escola muito pobre, não recebera o mobiliário adequado para o seu funcionamento, não recebera carteiras escolares, havia apenas a cadeira e a mesa da professora onde os alunos escreviam, o quadro negro e bancos longos que circulavam a sala onde se acomodavam os 45 alunos de 7 às 11 horas da manhã.

Mas nem mesmo a escassez de recursos impediu o aproveitamento dos alunos, ou mesmo arrefeceu a minha vontade de trabalhar, cumprir com o meu dever.

Foi um trabalho compensador me orgulho disso, e não foi em nada diferente de uma escola da cidade e no fim de três anos quando deixei a escola todos os alunos, crianças e adultos tinham condições de fazer um bilhete, redigir uma carta, dissertar sobre um fato, um acontecimento qualquer e manejar com a nossa moeda "o Real".

Foram três anos de dedicação, mas colhi os frutos do meu trabalho. Foi gratificante. Tenho orgulho disso.

E quando em 1935 deixei a escola, fiz com a certeza do dever cumprido. Não sei se o lago ainda é o mesmo, na vida tranqüila daqueles anos.

(*) Sebastiana Braga, 94 anos, é professora formada pela Escola Normal em 1932, em atividade, e presidente da Fundação Lourenço Braga.

Foto: T. Abbruzzese.



Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de **Cultura**

